

A Historiografia das Ciências da Linguagem: Interesses e Programas¹

Pierre Swiggers²

Tradução do francês feita por:

Emily Gonçalves de Medeiros Ferreira³

Francisco Eduardo Vieira⁴

Um problema metodológico incontornável na historiografia das ciências humanas é a impossibilidade de separar rigorosamente o que é *interno* e o que é *externo* ao desenvolvimento de uma disciplina. No que diz respeito à história das ciências da linguagem, Robins (1979, p. 5)⁵ esclareceu bem a complexidade do que condiciona sua dinâmica. Tal situação acentua o problema de uma *modelização* do trabalho historiográfico, que, no domínio das ciências da linguagem, tem por objeto a evolução do pensamento linguístico. Contudo, antes de descrever a própria evolução, é importante caracterizar os conjuntos teóricos que constituem seu foco ou tema (e, em parte, sua força motriz). Noutros termos, trata-se de identificar e estruturar os pontos de vista linguísticos e suas conexões⁶. É a esse nível metodológico que nosso artigo pretende trazer uma contribuição.

A diversidade de pontos de vista linguísticos que emergiram no passado revela semelhanças, analogias e divergências. O mesmo ocorre em relação aos contextos sociais, políticos, culturais e institucionais em que as teorias se inserem. Entre teorias e contextos se instala um jogo de interações, que faz evoluir uma ciência. No caso das ciências humanas, essa evolução não pode ser descrita em termos de alternância (por exemplo, “paradigma/revolução”)⁷: ela é marcada pela *continuidade* e pela *descontinuidade* de certos interesses, que persistem através dos períodos históricos. Os interesses, na maioria das vezes, coexistem e não exercem

1 Tradução para o português brasileiro de: SWIGGERS, P. L'historiographie des sciences du langage: intérêts et programmes. In: BAHNER, W.; SCHILDT, J.; VIEHWEGGER, D. (eds.). *Proceedings of the Fourteenth International Congress of Linguists*. Vol. III. Berlin/GDR, August 10-15, 1987. Berlin: Akademie Verlag, 1990. p. 2713-2716. A tradução foi revisada, corrigida e atualizada pelo autor. Alguns títulos dos textos originais foram inseridos na tradução para fornecer aos leitores as informações necessárias.

2 Universidade de Leuven.

3 Universidade Federal da Paraíba.

4 Universidade Federal da Paraíba.

5 Nota original: “Changes in scientific thinking and in scientific attitudes may arise from outside or from inside the science whose history is being traced [...] Throughout the history of linguistics all these factors can be seen at work in different ages, and among different groups, as the science experienced changes in its objectives, its methods and its theoretical positions”. Tradução para o português brasileiro: “Mudanças no pensamento científico e nas atitudes científicas podem surgir no exterior ou no interior da ciência cuja história esteja sendo traçada [...]. Ao longo da história da linguística, todos esses fatores podem ser percebidos em diferentes épocas e entre diferentes grupos, visto que a ciência experienciou mudanças em seus objetivos, métodos e posições teóricas”.

6 Cf. as proposições formuladas por Āurišin (1972) para o estudo histórico-comparativo das literaturas nacionais.

7 Para uma crítica do modelo kuhniano, ver sobretudo Hymes (1974) e Bahner (1981).

uma determinação absoluta. Além disso, eles podem variar dentro da carreira de um único autor, variação esta que corresponde então a uma diferença tipológica entre as próprias publicações do mesmo autor (podemos comparar, por exemplo, no caso do linguista francês Ferdinand Brunot [1860-1938], a sua “história da língua francesa” com orientação sócio-política [*Histoire de la langue française, des origines à nos jours*, 11 volumes publicados entre 1905 e 1937, um ano antes de sua morte] com sua “gramática histórica do francês”, trabalho muito “factual” [*Précis de grammaire historique de la langue française*, 1887, com inúmeras reedições e revisões], ou ainda com sua gramática de teorização publicada sob o título *O pensamento e a língua* [*La pensée et la langue*, 1922]; ou os escritos mais teóricos do linguista americano William Dwight Whitney [1827-1894], como por exemplo seus livros *The Life and Growth of Language* [1875, *A vida e o crescimento da linguagem*] e *Language and its Study* [1880, *A linguagem e seu estudo*] com a sua *Sanskrit Grammar*, trabalho descritivo sem uma perspectiva social e cultural [1879, *Gramática do sânscrito*].

Como podemos estruturar esses interesses? Proponho agrupá-los em *programas* (cf. Weizenbaum, 1976). Por “programa”, entendo um sistema de ordem cognitiva que permite realizar operações e obter resultados ao *privilegiar uma orientação em particular*. O programa serve para uniformizar tipos de pesquisa e engloba certo número de teorias (a noção de *programa* se sobrepõe, assim, à de *teoria*). Um programa pode ser caracterizado em função de três parâmetros:

- (a) *visão*: o ponto de vista global;
- (b) *incidência*: o contexto específico de inserção de dados;
- (c) *técnica*: a “sintaxe” descritiva do programa.

Adotando este dispositivo, é possível distinguirmos quatro programas fundamentais na história das ciências da linguagem, sendo o quarto bastante recente e resultante da introdução de um modelo constituído fora da linguística⁸.

1. O primeiro programa é o *programa de correspondência*, cujo objetivo é estabelecer uma correlação entre a língua, o pensamento e a realidade. Este modelo tem uma concepção na maioria das vezes instrumentalista da língua: a língua, em geral, é considerada como transmissão – “hermeneia” ou “tradução-interpretação” – do pensamento (cf. o texto *Peri Hermeneias* [*Da interpretação*] de Aristóteles). Um refinamento e uma reinterpretação “subversiva” desta concepção foram produzidos no século XVIII, quando se percebeu o papel crucial da língua na articulação do pensamento e na formação das ideias. No programa de correspondência, a descrição da língua não é restrita à estrutura gramatical: engloba também os procedimentos estilísticos e retóricos. Por outro lado, esse programa se caracteriza pelo interesse (bastante) reduzido na diversidade social e na dimensão histórica das línguas. Como representantes típicos de tal programa, podemos mencionar Platão, Aristóteles, os modistas, os gramáticos-filósofos dos séculos XVII e XVIII, e no século XX autores como Gustave Guillaume e Noam Chomsky (e seus discípulos). Resumindo as principais características deste programa:

⁸ O que se segue é uma extensão de meus trabalhos anteriores sobre a metodologia da historiografia da linguística; cf. Swiggers (1981, 1983).

visão: correlação língua – pensamento – realidade;
incidência: relações entre estruturas morfossintáticas e conteúdos ou processos mentais;

técnica: semanticalização de estruturas gramaticais (estabelecimento de classes lógico-semânticas; estabelecimento de correlações entre processos mentais e regras gramaticais).

2. O segundo programa é o *programa descritivista*. Nele, as línguas são consideradas conjuntos de dados formais que podemos “ordenar” sistematicamente. A ideia fundamental é que as formas linguísticas constituem um campo de pesquisa autônomo, fundamentado num princípio de autofuncionamento e autossuficiência: o conjunto explica as partes e vice-versa. Dentro do programa descritivista, podemos distinguir duas orientações fundamentais: uma abordagem *formalista* (limitando-se à inventariação e à estruturação das formas) e uma abordagem *funcionalista* (relacionando a estrutura formal a um conjunto de funções comunicativas).

Na história da linguística, o programa descritivista tem uma longa tradição: como marcos, destacamos Pāṇini, os gramáticos alexandrinos (e seus comentadores), os gramáticos romanos e carolíngios, a grande maioria de autores de gramáticas nos séculos XVI-XVIII, os comparatistas dos séculos XIX e XX, os linguistas estruturalistas (cf. sobretudo os adeptos do distribucionalismo). A corrente secular das gramáticas escolares se insere também neste programa e ilustra muito bem a relação entre interesse fundamental e tipo de publicação. Desse modo, podemos caracterizar esse segundo programa da seguinte forma:

visão: descrição das línguas como objetos;

incidência: análise (segmentação/oposição/cominação) de formas observadas; comparação de formas de diversas línguas (para fins de contraste/comparação: reconstrução); função das formas;

técnica: determinação dos contextos; segmentação; comutação; estudo das relações de proporcionalidade entre elementos; estabelecimento de relações entre formas linguísticas e funções comunicativas.

3. O terceiro programa é o *programa sociocultural*, cujo objetivo é o estudo da língua como fato social ou cultural. No que diz respeito ao estudo social da língua, parte-se da ideia de que a língua é caracterizada sobretudo pela variação ou pela variabilidade (que supõe uma competência “múltipla”, sendo a língua um sistema de sistemas). Tal variabilidade é mais frequentemente associada a fatores externos, o que resulta numa descrição em termos de *variação diastrática* (diferenciação vinculada às camadas sociais), *variação diafásica* (vinculada às gerações linguísticas e aos indivíduos) e *variação situacional* (vinculada às situações discursivas)¹.

¹ A *variação diatópica* constitui o objeto focal da dialetologia (ou geografia linguística), sendo muitas vezes concebida e praticada como uma disciplina descritiva (inserindo-se assim no segundo programa).

O programa sociocultural é ilustrado pelas tentativas de “planificação” linguística (cf. *De vulgari eloquentia*, texto escrito por Dante em 1303/1304), pelas discussões sobre o uso e pelas reflexões filosófico-linguísticas sobre a diversidade (social) das línguas (nos séculos XVI, XVII e XVIII), pela linguística (neo-)humboldtiana e pela sociolinguística moderna (que nos Estados Unidos muitas vezes busca se associar a Sapir, sobretudo em relação ao seu período em Chicago, nos anos 1930). Esse programa pode ser caracterizado assim:

visão: a língua como fato social ou cultural;

incidência: a determinação dos usos linguísticos; a competência comunicativa; a variação sociolinguística; a expressão de uma cultura através da língua;

técnica: integrativa ou sintética (inserção de fatos linguísticos numa análise das sociedades ou das culturas; inserção das análises linguísticas² numa teoria da estratificação social ou da evolução social e cultural).

4. O quarto programa resulta de uma modelização secundária: é o efeito da transferência de um modelo elaborado na lógica formal para a descrição das línguas naturais. Esse *programa de projeção* considera determinados fragmentos das línguas naturais como estruturas lógicas: trata-se de domínios que se prestam a uma descrição em termos da semântica intensional ou extensional (cf. os trabalhos de R. Montague, J. Hintikka, M. Cresswell, R. Dowty, B. Partee etc.). Esse programa ignora a história e a diversidade social das línguas naturais e privilegia certos subsistemas da gramática: os tempos e os modos verbais, os processos de determinação (nominal) e o estabelecimento de uma referência/denotação. Esse programa pode ser caracterizado nos seguintes termos:

visão: línguas como conjuntos de fragmentos lógicos;

incidência: expressão do tempo, da modalidade, da determinação;

técnica: tradução de estruturas linguísticas em uma linguagem formalizada.

Tendo esboçado os contornos de um modelo descritivo para a estruturação da história das ciências da linguagem, é tempo de concluir. Toda estruturação – e a história enquanto reconstrução é necessariamente uma atividade de estruturação – é o efeito de uma modelização, seja ela implícita ou explícita. A estruturação que propusemos deve permitir agrupar os interesses recorrentes na história da linguística, dando o reconhecimento e o espaço necessários às divergências teóricas no interior de cada um dos programas identificados.

2 Desse modo, vemos que, entre os programas (neste caso, entre o terceiro programa e o segundo programa), pode haver relações de integração ou de inclusão.

SWIGGERS P.
TRADUÇÃO DO
FRANÇÊS FEITA POR:
DE MEDEIROS E.
FRANCISCO G. F.
VIEIRA E.
HISTORIOGRAFIA
DAS CIÊNCIAS
DA LINGUAGEM:
Interesses e Programa

Referências

BAHNER, W. Theoretische und methodologische Aspekte in der Historiographie der Sprachwissenschaft. **Deutsche Zeitschrift für Philosophie**, v. 29, p. 1281-1293, 1981.

ĐURIŠIN, D. **Vergleichende Literaturforschung**. Berlin: Akademie-Verlag, 1972.

HYMES, D. Introduction: Traditions and paradigms. *In*: HYMES, D. **Studies in the History of Linguistics**: Traditions and paradigms. Bloomington: Indiana University press, 1974. p. 1-38.

ROBINS, R. H. **A Short History of Linguistics**. London: Longman, 1979 [1967].

SWIGGERS, P. Comment écrire l'histoire de la linguistique? **Lingua**, v. 55, p. 63-74, 1981.

SWIGGERS, P. La méthodologie de l'historiographie de la linguistique. **Folia Linguistica Historica**, v. 4, p. 55-79, 1983.

WEIZENBAUM, J. **Computer Power and Human Reason**. New York: Freeman & Co., 1976.

185

POSTSCRIPTUM

Sou muito grato aos dois colegas brasileiros, Emily Gonçalves de Medeiros Ferreira e Francisco Eduardo Vieira, da Universidade Federal da Paraíba, pela sua excelente tradução do texto acima, que foi apresentado, em 1987, no “14. Congresso Internacional de Lingüistas” em Berlim (Oriental, naquele tempo), na seção dedicada à história da linguística (o texto foi publicado em 1990, no volume 3 dos *Proceedings*).

A ideia subjacente ao texto era propor um quadro conceitualmente justificado e didaticamente útil para considerar a (longa) história da linguística em termos de visões e interesses abrangentes sobre linguagem e língua(s) e sobre tarefas e objetivos dos linguistas. Essas visões abrangentes podem ser chamadas de “programas”, “*cynosures*” (cf. Hymes, 1974, p. 20-23), “abordagens globais” ou “macromodelos” – entre outras possibilidades. Escolhi o termo “programa (de investigação)”, que permite uma concepção suficientemente ampla de um empreendimento racional e sistemático (cf. Lakatos, 1970; Weizenbaum, 1976). Os programas postulados no texto distinguem-se com base na conjunção do que pode ser chamado de “dimensões”, “aspectos”,

“parâmetros” ou “características”: *visão, incidência e técnica*. Em retrospecto, acredito que uma aproximação pode ser feita com a tipologia da linguagem politética de Sapir (Sapir, 1921, capítulo 6), envolvendo três conceitos ou parâmetros básicos: *tipo fundamental, técnica e síntese*. O “tipo fundamental” de Sapir (que é o critério tipológico crucial – cf. o diagrama sinóptico em Sapir, 1921, p. 150-151) corresponderia à “visão (geral)”; a “técnica” e a “síntese”, no desenho de Sapir, corresponderiam juntas ao conceito de “técnica” utilizado na caracterização de programas na história da linguística. Não existe um paralelo exato com a “incidência” nos critérios tipológicos de Sapir, mas já que sua tipologia é uma tipologia baseada morfológicamente (ou morfossintaticamente), pode-se ver a morfologia como a sua “incidência”.

Em retrospectiva, parece-me também que, para fins didáticos, pode ser útil atribuir uma “bandeira” (um tanto parecida com um *slogan*) a cada um dos quatro programas de investigação. Isso poderia assumir a seguinte forma:

Linguagem e mente, também o título de um dos livros menos técnicos de Chomsky sobre linguagem (Chomsky, 1968);

Linguagem como forma, sendo este um rótulo que permite a interpretação de “forma” como “forma/padrão sincrônico” e como “forma/formação diacrônica”;

Linguagem e sociedade, par terminológico que aparece com grande frequência em revistas ou volumes coletivos de sociolinguística e etnolinguística;

Lógica na linguagem, “bandeira” que difere das três anteriores, por sublinhar a redução metodológica e epistemológica da linguagem (contrariamente à visão “expansiva” subjacente a I, II e III) e por realçar a importância crucial de outra disciplina, isto é, da lógica (o termo *lógica* também se refere, evidentemente, à racionalidade e à estrutura racional).

Pode-se levantar a questão de saber se não existe algo como um programa “Língua e história”, mas, de fato, uma perspectiva histórica pode ser (e tem sido) adotada nos programas I e III (e, claro, como já foi apontado acima, no programa II, e isso de maneira fundamental). Quanto à integração de uma perspectiva histórica dentro do programa “que procura correspondência com a mente e a realidade” (I) ou dentro do programa “orientado para a sociedade e a cultura” (III), pode-se pensar nas visões (ideologicamente muito diversas!) apresentadas nos séculos XVIII (por exemplo, Maupertuis, Condillac), XIX (por exemplo, Humboldt e Steinthal) e XX (por exemplo, Boas; também o idealismo na linguística românica, cf. Christmann, 1974) sobre a ligação dinâmica (e em desenvolvimento) entre linguagem e vida mental (do sujeito individual ou de um povo), entre linguagem e sociedade.

Olhando superficialmente, os três primeiros programas pareceriam focar na linguagem como um *objeto* (fenomenológico) abordado de forma inocente ou ingênua, enquanto o último abordaria a(s) língua(s) como uma *construção*. Mas este primeiro olhar deve ser imediatamente

SWIGGERS P.
TRADUÇÃO DO
FRANCÊS FEITA POR:
DE MEDEIROS E.
FRANCISCO G. F.
VIEIRA E.
HISTORIOGRAFIA
DAS CIÊNCIAS
DA LINGUAGEM:
Interesses e Programa

matizado, dada a sofisticação, a matematização e a instrumentalização que caracterizaram o curso evolutivo de *todas* as abordagens da linguagem, resultando numa concepção cada vez mais “construída” ou “construtivista” da linguagem. Na verdade, a linguística, qualquer que seja a abordagem defendida, criou – como é o caso de todas as ciências – um “objeto-modelo” (ou “objeto T-teórico”; no inglês, *T-theoretical object*) cada vez mais diferente do seu “objeto real” – para a distinção, ver Bunge (1974); sobre a construção modelizada do objeto “linguagem”, ver Šaumjan (1973).

[*Nota terminológica:* Os eixos variacionais (“*dia-*”) mencionados no texto são discutidos mais detalhadamente em Swiggers (2013); ali proponho o termo *variação diakáirica* (do grego καιρός [*kairós*], “tempo próprio, ocasião, oportunidade”) como um rótulo para a variação (sociopragmática) relativa a situações/eventos comunicativos.]

REFERÊNCIAS DO *POSTSCRIPTUM*

BUNGE, M. **Treatise on basic philosophy**. Semantics I: Sense and reference. Dordrecht & Boston: Reidel, 1974.

CHOMSKY, N. **Language and mind**. New York: Harcourt, Brace & World, 1968. [Tradução portuguesa: **Linguagem e mente**. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2009]

CHRISTMANN, H. H. **Idealistische Philologie und moderne Sprachwissenschaft**. München: Fink, 1974.

HYMES, D. Introduction: traditions and paradigms. *In*: HYMES, D. (ed.). **Studies in the history of linguistics**: traditions and paradigms. Bloomington: Indiana University Press, 1974, p. 1-38.

LAKATOS, I. Falsification and the methodology of scientific research programmes. *In*: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (eds.). **Criticism and the growth of knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 91-196.

SAPIR, E. **Language**: An introduction to the study of speech. New York: Harcourt, Brace and Company, 1921. [Tradução portuguesa: **A linguagem**: introdução ao estudo da fala. Rio de Janeiro: Inst. Nacional do Livro, 1954]

ŠAUMJAN, S. K. **Philosophie und theoretische Linguistik**. München: Fink, 1973.

SWIGGERS, P. *Aspectos del desarrollo de la lingüística histórica en los siglos XIX y XX*. *In*: GÓMEZ, R.; GORROCHATEGUI, J.; LAKARRA, J. A.; MOUNOLE, C. (eds.). **Koldo Mitxelena Katedraren III. Biltzarra / III Congreso de la Cátedra Luis Michelena / 3rd Conference of the Luis Michelena Chair**. Vitoria-Gasteiz: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco / Euskal Herriko Unibertsitateko Argitalpen Zerbitzua, 2013, p. 467-509.

WEIZENBAUM, J. **Computer power and human reason**. New York: Freeman & Company, 1976.